

O FETICHE EM TRADUÇÃO: FEITIÇO, FEITICISMO, UMBANDA, OWANGA

Iracema Dulley¹

Resumo

Este ensaio investiga a relação entre tradução e fetichismo, fixação e instabilidade. Propondo que o conceito de fetichismo seja compreendido para além de sua formulação no âmbito da produção intelectual dita ocidental por autores como Marx e Freud, considera-se sua inserção na história das iterações do conceito de ‘fetiche’, a qual inclui muitas outras paragens — entre as quais a Costa da Mina, onde o conceito foi cunhado a partir da transliteração do termo português ‘feitiço’ por comerciantes africanos. No Planalto Central de Angola, a cadeia de substituições relacionada a termos como ‘feitiço’, ‘fetiche’, *fetish*, *Fetisch* etc. foi expandida a partir das traduções de ‘feitiço’ para a língua umbundu por missionários cristãos durante o período colonial. Explora-se aqui como, a despeito da tentativa dos missionários de bipartir e fixar a tradução do termo ‘feitiço’ em um polo positivo e outro negativo, na qual *umbanda* seria justaposto a ‘curativo’ e *owanga* seria equiparado a ‘malefício’, tal distinção é constantemente posta em xeque em umbundu. Assim, se a tradução contém a promessa de fixação e equivalência, não pode conter o deslocamento, manifesto em umbundu pela disseminação de termos que designam ‘feitiços’: *umbanda*, *owanga* e a proliferação de nomes que expressam a materialização do desejo nessa língua.

Palavras-chave: tradução, fetichismo, bruxaria e feitiçaria, colonialismo, Angola, Marx, Freud.

Quando o soba morre ou é destituído, quem o substituirá convida um quimbandeiro para retirar todas as coisas que fazem parte do feitiço do seu antecessor, pois dizem que “não se podem substituir os feitiços de outro soba”. No portão da enxada colocam outra enxada com novo feitiço.²

¹ ICI Berlin, Universidade Federal de São Carlos.

² Em umbundu no original: *Osoma nda ya fa pamue va yi tundisako, u o vialako o pañinyavo ocimbanda caye oku pongolola ovina viosi viovombanda vokuavo, momo hati, Ka ci tava oku piñala kovombanda vosoma yiñi. Vombundi yetemo mu enda etemo liñi lumbanda waco.* A fonte

O que é apenas um substituto para o ser da coisa em si, um fetiche. (...) um simulacro, uma prótese (...) (uma perna de madeira com a qual se pode dançar graciosamente) (...) um simulacro, uma prótese, um fetiche.³

Tradução, transliteração, substituição

Este ensaio reflete sobre a cadeia de substituições que inclui, mas não se limita a, termos como ‘feitiço’, *fetisso*, ‘fetiche’, *Fetisch*, *fétiche*, *fetish*, ‘fetichismo’, ‘feiticismo’, *umbanda* e *owanga*. Os primeiros oito termos desta cadeia foram traduzidos, ou transliterados, de e para línguas europeias em conexão com as tentativas de generalização implícitas nas teorias do fetichismo e do fetiche. Os dois últimos termos são termos em umbundu empregados nos esforços de tradução do termo ‘feitiço’ para essa língua. O umbundu era a principal língua falada no Planalto Central de Angola durante o período colonial e, antes do estabelecimento da administração colonial na região, era empregado como *lingua franca* no comércio de caravanas entre o interior e a costa.⁴

da qual essa citação foi extraída foi registrada no início do século XX pelos missionários protestantes congregacionais norte-americanos presentes no Planalto Central de Angola. O texto em questão, ‘Chronicles of Bailundo’, trata da vida cotidiana e das práticas rituais na formação política do Bailundo antes, durante e depois do estabelecimento da administração colonial portuguesa na região. O(s) autor(es) do relato não são nomeados, mas é provável que as narrativas em umbundu que compõem o registro tenham sido proferidas por homens mais velhos falantes de umbundu atuantes nessa missão. O original está disponível nos arquivos da American Board of Commissioners for Foreign Missions (ABCFM) na Houghton Library, Universidade de Harvard (ABC 15.1, v. 44). A tradução para o português da fonte na íntegra está disponível em: [S0001972021000553sup002.pdf \(cambridge.org\)](https://www.cambridge.org/core/doi/10.1017/S0001972021000553sup002.pdf). Para mais detalhes sobre a fonte e o processo de sua produção, edição e tradução, cf. Iracema Dulley, ‘Chronicles of Bailundo’: A Fragmentary Account in Umbundu of Life Before and After Portuguese Colonial Rule’, *Africa*, 2021, 91(5): p713-741. Sobre as missões cristãs no Planalto Central, cf. Didier Péclard, *Les incertitudes de la nation en Angola: aux racines sociales de l’Unita*. Paris: Karthala, 2015 e Iracema Dulley, ‘Missões católicas e protestantes no Planalto Central angolano: continuidades e descontinuidades’, in Moura, C., Abrantes, H. and Silva, E. (eds.). *Missões, religião e cultura: estudos de história entre os séculos XVIII e XX*. Campinas: Edunicamp, 2017 e Iracema Dulley, ‘Angola’, in Lampport, M. (ed.) *Encyclopedia of Christianity in the Global South*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2018.

³ Jacques Derrida, *The Beast and the Sovereign. Volume I*. Chicago: University of Chicago Press, 2009, p. 293, tradução minha.

⁴ A presença portuguesa no Planalto Central de Angola data do início do tráfico de escravos em Benguela no início do século XVII. Ver Mariana Cândido, *An African Slaving Port and the Atlantic World: Benguela and Its Hinterland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. Contudo, essa região foi submetida ao domínio colonial apenas após sua derrota na Guerra do Bailundo (1902-1903). Antes disso, os estrangeiros que desejassem participar do comércio de caravanas, que incluía mas não se limitava ao tráfico de escravos, e estabelecer-se na região precisavam obter a permissão dos governantes locais, aos quais tinham de pagar taxas e impostos. Sobre o estabelecimento do domínio colonial no Planalto Central de Angola, ver Linda Heywood, *Contested Power in Angola: 1840s to the Present*. Rochester: University of Rochester Press, 2000; Maria da Conceição Neto, *In Town and Out of Town: A Social History of Huambo (Angola). 1902-1961*. Dissertação de doutorado, School of Oriental and African Studies, 2012 e Shana

Aqui, os termos em umbundu estão incluídos na cadeia de substituições cujos termos mais familiares — ‘fetiche’ e suas iterações em línguas europeias — derivam da palavra portuguesa ‘feitiço’. Ao considerar as iterações de ‘fetiche’ em uma cadeia de substituições que inclui o umbundu e é regida pela disseminação,⁵ pretende-se deslocar o eurocentrismo que marca a história do conceito de fetichismo em sua tentativa de dar sentido às práticas religiosas daqueles que são vistos como outros e às práticas econômicas atribuídas a si. Como a atribuição de fetichismo aos ‘outros’ da colonização era prática recorrente, tais cadeias de substituição, incluindo idiomas e conceitos não europeus, não foram formadas apenas em Angola. Assim, a teorização histórico-etnográfica a seguir indexa tanto uma generalidade quanto uma particularidade. Meu argumento de que a conceitualização do fetiche e dos ‘ismos’ a ele associados dependeu tanto da história colonial e intelectual de tradução e transliteração associada ao conceito de fetichismo quanto da tradução do conceito de fetiche do e para os vernáculos locais baseia-se nas particularidades de como essa cadeia iterativa formou-se no Planalto Central de Angola. Entretanto, outros contextos podem ser por ela afetados pela via do contágio.

As fronteiras que definem o que é tradução e o que é transliteração são tão porosas quanto políticas, pois dependem da instituição de fronteiras entre as línguas, processo de dimensões linguísticas, históricas e políticas. Assim, não é questão simples determinar a qual língua cada um desses termos pertence. Para evitar, contudo, que o(a) leitor(a) se perca completamente, podemos dizer, de forma provisória, que ‘feitiço’ é uma palavra portuguesa derivada do latim *factitius*; *fetisso* e ‘fetiche’ foram produzidos na transliteração de ‘feitiço’ para línguas faladas na Costa da Mina pelos comerciantes africanos; *fetish* é a tradução ou transliteração da palavra crioula *fetiche*, derivada de ‘feitiço’, para o inglês; *Fetisch* e *fétiche* são traduções ou transliterações da mesma palavra para o alemão e o francês, respectivamente. *Umbanda* e *owanga* são significantes em umbundu que foram traduzidos como ‘feitiço’ no contexto das missões cristãs em Angola. *Umbanda* é também, como se sabe, o nome de uma religião

Melnysyn, *Vagabond States: Boundaries and Belonging in Portuguese Angola, c. 1880-1910*. Dissertação de doutorado, Department of History and Anthropology, Michigan University, 2017.

⁵ Jacques Derrida, *Dissemination*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

praticada no Brasil. O que se segue deverá complexificar essa glosa provisória. Ao voltar-se para a iteração dos significantes acima mencionados — numa prática que talvez possa ser acusada de “fetichismo metodológico”⁶ ou de “fetichismo como princípio de leitura”⁷ — este ensaio interroga a relação entre tradução e fetiche.

Pode-se aproximar fetiche e tradução com base no fato de que ambos operam a partir de uma fixação. Contudo, no fetiche, assim como na tradução, a fixação é acompanhada de certa instabilidade. Ao escrever sobre o fetichismo em Marx, Rosalind Morris⁸ chama a atenção para algo que acontece na tradução de Marx para o inglês: nela, *Fetischcharakter* — em português, traduzido de forma mais literal como “caráter fetichista”⁹ — é transformado em ‘fetichismo’ (em inglês, *fetishism*) o que ocorre, por exemplo, na tradução de “*der Fetischcharakter der Ware und sein Geheimnis*” (“o caráter fetichista da mercadoria e seu segredo”) para o inglês como “*the fetishism of commodities and the secret thereof*” (“o fetichismo das mercadorias e seu segredo”). A tradução para o português é, em geral, mais próxima do alemão; contudo, na tradução do alemão para o inglês ocorre mais um deslocamento em relação àquele apontado por Morris. Quando Marx refere-se a “*den Fetischismus, der den Arbeitsprodukten anklebt*”¹⁰ — em português, o “fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho”¹¹ — em inglês, “*the fetishism which attaches itself to the products of labour*”,¹² *anklebt* é traduzido como “*attaches itself*” (literalmente, ‘cola-se’ ou ‘liga-se’). A forma verbal é mantida e aponta para o ato de colar, que é o primeiro passo na fixação. Na passagem em que Marx afirma que quando as proporções na troca “alcançam uma certa solidez habitual, elas aparentam derivar da natureza dos produtos do trabalho”¹³ (*Sobald diese Proportionen zu einer gewissen gewohnheitsmäßigen Festigkeit herangereift sind, scheinen sie aus der Natur der*

⁶ Arjun Appadurai (ed.), *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 5.

⁷ Rosalind Morris, “After de Brosses: Fetishism, Translation, Comparativism, Critique”, in R. Morris e D. Leonard (eds.), *The Returns of Fetishism: Charles de Brosses and the Afterlives of an Idea*. Chicago: University of Chicago Press, 2017b, p. 276.

⁸ *Ibid.*, p. 188.

⁹ Karl Marx, *O capital: crítica da economia política. Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 121.

¹⁰ Karl Marx, *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*. Berlim: Dietz Verlag, 1987, p. 103.

¹¹ Marx, *O capital, op. cit.*, p. 122-123.

¹² Karl Marx, *Capital, Volume I*, Nova York: Penguin, 1992, p. 165.

¹³ Marx, *O capital, op. cit.*, p. 124.

*Arbeitsprodukte zu entspringen*¹⁴), na tradução para o inglês, diz-se que quando as proporções “*have attained a certain customary stability, they appear to result from the nature of the products*”,¹⁵ ou seja, “*stability*”, ‘estabilidade’, é a tradução oferecida para *Festigkeit*, traduzida de forma mais literal para o português como ‘solidez’. Algumas linhas adiante, quando Marx analisa a forma como o “caráter de valor” se fixa, *befestigt sich*, “se fixa” é traduzido para o inglês como “*becomes established*”, ou seja, “torna-se estabelecido”. Assim, a ação implicada em *befestigt sich* é tornada qualitativa e final em inglês, na medida em que o caráter de ter valor não “é fixado” (“*fixes itself*”, que seria a tradução mais literal de *befestigt sich* para o inglês), mas “torna-se estabelecido”, “*becomes established*”.

No deslocamento operado na tradução acima, insiste-se no tornar-se fixo daquilo que é afetado pelo fetichismo. Ora, isso ocorre por meio de mimese. Meu principal objetivo aqui não é criticar a tradução de Marx para o inglês, mas apresentar um exemplo familiar na literatura sobre o tema no qual o processo de tradução, assim como o fetichismo, opera por meio de contágio. Esse breve comentário sobre Marx, cujo trabalho faz parte da cadeia de disseminações e substituições que inclui os termos *Fetisch* (‘fetiche’) e *Fetischismus* (‘fetichismo’), pretende evocar seu espectro para assombrar o que se segue ao chamar a atenção para a fixação que ocorre na tradução para o inglês da descrição de Marx sobre como o fetiche se torna estável. Pois a tradução, como o fetichismo, opera por fixação e deslocamento.¹⁶

‘Feitiço’, traduzido ou transliterado como ‘fetiche’, *fétiche*, *Fetisch*, *fetish*, dissemina-se em ‘fetichismo’, ‘feiticismo’, *owanga*, *umbanda* e a cadeia aberta de substituições evocada por esses termos. Assim, questiona-se a relação entre tradução e fetiche como sendo de justaposição, pois tanto a tradução quanto o fetiche apontam para a possibilidade de alterização contida no deslocamento. Termos como ‘feitiço’, *umbanda* e *owanga* não podem ser descritos em si mesmos, com base em uma particularidade conceitual fundada no gesto êmico,

¹⁴ Marx, *Das Kapital*, op. cit., p. 105.

¹⁵ Marx, *Capital*, op. cit., p. 167.

¹⁶ Jacques Derrida, “Des tours de Babel”, in Graham, J. (ed.) *Difference in Translation*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

gesto que compreende a circunscrição, designação e descrição da diferença sociocultural por meio da nomeação de ‘outros’.¹⁷ Antes, uma vez que a conceitualização, como a tradução, depende do deslocamento, com suas continuidades e rupturas, ‘feitiço’, *umbanda*, *owanga*, ‘fetichismo’ e ‘fetiche’ só fazem sentido como parte de uma cadeia de disseminações.

Feitiço, feiticismo, fetichismo

Como aprendemos com Pietz,¹⁸ o termo ‘fetiche’ e suas variações nas línguas europeias são transliterações da palavra crioula *fetisso*, derivada da palavra portuguesa ‘feitiço’, ela própria uma vernacularização do termo latino *facticius* ou *factitius*, participio passado de *facere* (fazer), que pode ser glosado como ‘fictício’, ‘artificial’, ‘falso’ ou ‘enganoso’. Assim, ‘feitiço’ tornou-se *fetisso* na costa ocidental da África como resultado do encontro entre mercadores portugueses e africanos, e é essa palavra que traz para Pietz a “origem da ideia de fetiche”,¹⁹ termo que foi transliterado para as línguas europeias como *fétiche*, *Fetisch*, *hechizo* e assim por diante. Feitiço, em português, é um substantivo que compartilha a raiz de feitiçaria. Na acepção de feitiçaria, feitiço funde aquilo que é feito (o ato de enfeitiçar, embruxar, encantar) com a ideia abstrata de feitiçaria. Assim, feitiço, como *facticius*, aponta para uma relação de indeterminação entre particularidade e generalidade, “propriedade e promiscuidade”;²⁰ enfim, para o “vínculo indecível com os contrários”²¹ que caracteriza o simulacro.

No entanto, a despeito da indeterminação, da promiscuidade e da mimese, a iteração das traduções e transliterações de feitiço não produziu uma equivalência não hierárquica entre os significantes que formam essa cadeia de substituições. Pois a tradução, como o fetiche, “implica substituição sem equivalência e relação para além da reciprocidade”.²² O termo português ‘feitiço’

¹⁷ Iracema Dulley, *On the Emic Gesture: Difference and Ethnography in Roy Wagner*. Londres: Routledge, 2019.

¹⁸ William Pietz, “The Problem of the Fetish, II: The Origin of the Fetish”, *RES: Journal of Anthropology and Aesthetics*, 1987, 11: p. 23-45.

¹⁹ Idem., p. 39.

²⁰ Rosalind Morris, “Fetishism (Supposing That It Existed): A Preface to the Translation of Charles de Brosses’s Transgression’ in Morris, R. and Leonard, D. (eds.) *The Returns of Fetishism: Charles de Brosses and the Afterlives of an Idea*. Chicago: University of Chicago Press, 2017a, p. xi.

²¹ Jacques Derrida, *Glas*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1986, p. 227.

²² Morris, “After de Brosses”, *op. cit.*, p. 273.

não deve ser entendido como algo da ordem do êmico, pois não pertencia a ninguém especificamente. Ele foi empregado na generalização do que se entendia então ser a universalidade da feitiçaria. Assim, o que importa não é sua origem ou suposta propriedade pelos falantes de uma ou outra língua; para além de algum tipo de originalidade, o que marca o fetiche, como feitiço, é sua abertura à alteridade. Sansi-Roca apresenta o argumento de que “no mundo atlântico, a feitiçaria era um método particularmente eficiente para apropriar objetos, pessoas e discursos de outros lugares, objetivando-os, e ‘anexando-os”²³ Segundo esse autor, a origem da palavra ‘fetiche’ no encontro histórico entre comerciantes portugueses e africanos na Costa da Mina antes do estabelecimento do domínio colonial efetivo deveu-se ao estranho lugar ocupado pelo colonialismo português e pelo mundo lusófono na modernidade e no imaginário civilizatório europeu.

Antes de voltar-me a Angola, gostaria de reter duas ideias de Pietz e Sansi-Roca. A primeira delas é a afirmação de que o fetiche é histórico porque fixa “um evento original de síntese ou ordenamento singular”.²⁴ Se é assim, a iteração de ‘feitiço’ como ‘fetiche’ — e subsequentemente como *fetish* (em inglês), *fétiche* (em francês) ou *Fetisch* (em alemão), para nos atermos a algumas das principais traduções conceituais do termo em línguas ocidentais — depende menos de suas origens supostamente lusófonas do que de uma história de sucessivas comensurações. Contudo, segundo Pietz, a emergência do fetiche, e portanto do fetichismo, “esteve relacionada à triangulação”, na Costa da Mina, entre “sistemas sociais relacionados ao cristianismo feudal, às linhagens africanas e aos sistemas sociais do mercantilismo capitalista”.²⁵ A sedução das origens é um efeito do fetiche, pois ele “retém o estrangeiro como estrangeiro, mas promete possuí-lo”.²⁶ As traduções do fetiche em Angola não revelam, portanto, qualquer suposta originalidade perdida, pois essa transliteração, apreendida

²³ Roger Sansi-Roca, “The Fetish in the Lusophone Atlantic”, in Naro, N., Sansi-Roca, R. and Treece, D. (eds.). *Cultures of the Lusophone Black Atlantic*. Londres: Palgrave MacMillan, 2007, p. 132.

²⁴ William Pietz, “The Problem of the Fetish, I”, *RES: Journal of Anthropology and Aesthetics*, 1985, 9: p. 5-17, p. 10.

²⁵ Idem, p. 6.

²⁶ James Siegel, *Fetish, Recognition, Revolution*. Princeton: Princeton University Press, 1997, p. 245.

como um processo de múltiplas traduções — ou seja, de transposição de significados entre línguas concebidas como distintas — leva a marca da suplementaridade.²⁷

A segunda ideia a ser retida é a observação de Sansi-Roca em “The Fetish in the Lusophone Atlantic”²⁸ de que a força do fetiche reside em sua alteridade. Segundo ele, o termo português ‘feitiço’ foi utilizado na Costa da Mina para referir-se à magia que opera por meio da fixação, ao passo que o termo *mandinga*, da Costa Ocidental africana, era utilizado em Portugal para significar algo muito próximo da ideia de feitiço. Assim, não é mera coincidência que as palavras em umbundu traduzidas como ‘feitiço’ em Angola nomeiem um conjunto de práticas religiosas denominadas umbanda no Brasil. Tampouco é coincidência que a umbanda, embora reconhecida como religião afro-brasileira no século XX,²⁹ continue sendo acusada publicamente de assemelhar-se ao feitiço. O fetiche, em tradução, parece ser regido por uma hierarquia alterizante. Pois, como nos lembra Siegel, com “a aceitação do estrangeiro como tal, o fetiche se desintegra”.³⁰

O processo descrito por Sansi-Roca inclui sucessivas generalizações e particularizações, nas quais fetiche surge como o conceito mais abstrato e suas iterações como feitiço são consideradas particulares. A ideia de que fetichismo seria o conceito mais elevado organiza essa hierarquia. No entanto, o conceito de fetichismo raramente é encontrado nos registros etnográficos lusófonos sobre Angola. O que se segue volta-se para os deslocamentos do fetiche em tradução: como feitiço, como feitiçaria, como o fazer e desfazer da fixação. Tal deslocamento relaciona-se a atos de transposição, como tradução e transliteração, entre várias línguas: português, inglês, francês, alemão e os vernáculos, como o umbundu, para os quais os termos ‘feitiço’ ou ‘fetiche’ foram traduzidos em Angola. Ora, se esse processo está relacionado à hierarquização de práticas semelhantes ao fetiche, essa hierarquia está intimamente ligada à

²⁷ Jacques Derrida, *Of Grammatology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

²⁸ Cf. Sansi-Roca, “The Fetish”, *op. cit.*

²⁹ Cf. Paula Montero, *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985 sobre o processo de institucionalização da umbanda.

³⁰ Siegel, *Fetish, Recognition, Revolution*, p. 253.

generalização e à particularização implicadas na tradução, ela mesma um processo desse tipo.

As fontes coloniais sobre Angola contêm um termo tão recorrente quanto curioso: ‘feiticismo’, que pode ser entendido como algo entre feitiço, feitiçaria e fetichismo.³¹ As etnografias sobre Angola escritas em português durante o século XX raramente utilizam o termo ‘fetichismo’, preferindo o termo ‘feiticismo’ como generalização para classificar as práticas religiosas consideradas conflitantes com o cristianismo. ‘Feiticismo’ retém ‘feitiço’, e não ‘fetiche’, como raiz, mas é suplementado por um ‘ismo’, como ocorre com o termo ‘fetichismo’. Assim, feiticismo soa como algo entre feitiço, feitiçaria e fetichismo. Isso se dá de forma particularizante, ou seja, de modo que a aspiração ao universal que marca o conceito de fetichismo seja rasurada em prol da iteração de uma relação mais localizada com o fetiche por meio da aposição de um ‘ismo’ a um termo que se refere à feitiçaria. Ora, a forma como esse termo é utilizado, frequentemente no modo acusatório, não só apaga o termo ‘feitiço’ como origem do conceito de fetichismo, como o faz de modo que a transliteração da palavra ‘fetichismo’ quase seja ouvida quando se pronuncia o termo ‘feiticismo’. Ao ressoar tanto feitiço quanto fetichismo, o termo ‘feiticismo’ pode ser ouvido como uma reverberação do estranho lugar ocupado pela língua portuguesa na história iterativa do conceito de fetichismo.

³¹ O missionário espiritano alsaciano Carlos Estermann escreveu a mais abrangente etnografia de Angola em língua portuguesa durante o regime colonial. Ver Carlos Estermann, *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro). Coletânea de artigos dispersos. Volume II*. Lisboa: IICT, 1983. O trabalho etnográfico do espiritano português José Francisco Valente debruçou-se sobre o Planalto Central e a expressão em língua umbundu. Ver José Francisco Valente, *Paisagem africana (uma tribo angolana no seu fabulário)*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1973 e Valente, *Namussungula, a Ceres umbundu*. Luanda: IICA, 1974.

Esses autores parecem ter tido conhecimento da existência do conceito de fetichismo, pois ele é empregado por algumas de suas referências bibliográficas. Contudo, como a antropologia não era central ao projeto colonial português — algo que reflete a condição subalterna de Portugal como colonizador (ver Arlindo Barbeitos, *Angola/Portugal: des identités coloniales équivoques. Historicité des représentations de soi et d’autrui*. Paris: L’Harmattan, 2008) — todo o debate, por vezes implícito, sobre o uso do conceito de fetichismo que marcou a antropologia britânica (cf. Morris, “Fetishism”) esteve praticamente ausente dos escritos etnográficos sobre Angola. As etnografias sobre o Planalto Central foram produzidas principalmente por missionários católicos europeus e protestantes norte-americanos. Wilfrid Hambly, antropólogo norte-americano autor da única monografia não missionária sobre a região no período colonial, emprega os termos *fetish* e *fetishism* em sua obra *The Ovimbundu of Angola* (Chicago: Field Museum of Natural History, 1934, p. 290).

As traduções de ‘feitiço’ e sua cadeia de substituições na Angola do século XX são informadas por essa história errática de deslocamentos. No entanto, nessa altura, ‘feitiço’ já não era a categoria universalizante que foi na época do comércio na costa da Guiné; antes, o termo passou a ser empregado para marcar a especificidade e alteridade africanas — a despeito da raiz portuguesa da palavra. Mas se feitiço e feiticismo, como aparecem nas fontes coloniais, visavam a generalizar as práticas locais, não tinham a mesma capacidade generalizadora do conceito (quase ausente) de fetichismo. Ao eleger feiticismo, e não fetichismo, como categoria descritiva, marcou-se a subalternidade da língua portuguesa em relação às línguas em que fetichismo fixou-se como conceito geral para falar de práticas consideradas não cristãs. A atribuição de inferioridade àqueles vistos como ‘outros’ em português é, portanto, marcada pelo estatuto hierárquico inferior da língua para a qual os termos ‘fetiche’ e ‘fetichismo’ são traduzidos, em ignorância da história por meio da qual os termos empregados nessas línguas se constituíram. A escolha de um termo que se liga de forma distanciada ao debate intelectual que ocorria na Europa durante o período colonial reflete a posição marginal de Portugal tanto no universo acadêmico da época quanto como potência colonizadora.³²

Em *Sobre o culto moderno dos deuses fatiches*, Latour³³ reproduz uma anedota que se tornou familiar na literatura histórico-antropológica para tratar do discurso sobre o fetichismo e a feitiçaria no encontro colonial. Em relatório enviado por um oficial da corte coreana às autoridades chinesas em meados do século XVIII, diz-se que “os povos de pele clara” adoram seus deuses de uma maneira muito particular: depois de destruir seus fetiches em rituais ocultos que lhes conferem poder, restauram-nos ao sentir o vazio da culpa. Anedotas desse tipo também foram contadas em Angola por missionários protestantes, que consideravam os católicos tão fetichistas quanto a população local. Da mesma forma, a Bíblia protestante foi incluída nos cestos de adivinhação dos *ovimbanda*³⁴ para que pudessem apurar os malefícios dos cristãos, numa crítica performativa à

³² Sobre o domínio colonial português em Angola, ver Christine Messiant, 1961. *L’Angola colonial, histoire et société*. Basel: Schlettwein Publishing, 2006.

³³ Bruno Latour, *Sobre o culto moderno dos deuses fatiches*. Araraquara: Editora Unesp, 2021.

³⁴ *Ovimbanda* é o plural de *ocimbanda*, cuja tradução usual é ‘curandeiro’ ou ‘adivinho’. Literalmente significa ‘os da *umbanda*’.

tentativa protestante de fundamentar seu discurso antifetichista na Bíblia. A expressão recorrente “feitiço do homem branco”,³⁵ por sua vez, aponta para uma designação que se seguiu ao encontro entre colonizadores portugueses e sujeitos locais, numa espécie de tradução para o português da estranheza inerente à magia, capitalista ou não.

No início do século XX, a comunicação no Planalto Central de Angola dependia de intérpretes, pois poucos falantes de umbundu eram fluentes em português.³⁶ Embora a gramatização e dicionarização do umbundu tenham-no constituído linguística e politicamente como língua, as equivalências estabelecidas entre conceitos em português e umbundu permaneceram instáveis. Não há muitos registros sobre a troca linguística que envolveu o português e o umbundu. As fontes disponíveis são, em geral, produto do esforço missionário de sistematizar o umbundu e traduzir seu material doutrinário para essa língua. As fontes missionárias indicam que nenhum termo de capacidade generalizante comparável a ‘feitiço’ ou ‘fetiche’ era empregado em umbundu para descrever o conjunto de práticas classificadas sob a rubrica do feitiço no encontro colonial. ‘Feitiço’, espécie de significante flutuante, indexa simultaneamente um poder abrangente e as práticas específicas que nomeia. Assim, os diferentes termos usados para fazer referência a diferentes ações no vernáculo, entre os quais *umbanda* e *owanga*, passaram a ser entendidos como feitiços particulares. O feitiço foi assimilado à hierarquização que rege a colonização, mas sua justaposição às categorias vernaculares que passou a englobar não foi isenta de percalços.

³⁵ Ver João Figueiredo, “Feitiço do homem branco’: ruptura e continuidade na concepção de ‘feitiço’ nos diários de viagem de António Brandão de Mello (1909-1915)”, *Mneme*, 10(26). 21 de Janeiro de 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/9>. (acessado em 30 de novembro de 2020)

³⁶ Falado por 23% da população, o umbundu é hoje a segunda língua mais falada de Angola. A maioria de seus falantes também fala o português, língua oficial do estado falada por 71,1% da população angolana (ver Instituto Nacional de Estatística, Instituto Nacional de Estatística, *Resultados definitivos: recenseamento geral da população e habitação*. Luanda: Instituto Nacional de Estatística, 2014, p. 51). Antes do período de guerra civil, durante o qual grande parte da população deslocou-se para as capitais, especialmente para Luanda, onde a língua mais falada é o português, o umbundu era de longe a língua mais falada no centro de Angola.

Feitiço, owanga, umbanda

Nos dicionários coloniais português-umbundu e vice-versa não se encontra nenhuma entrada para os termos ‘fetiche’, ‘fetichismo’ e ‘feiticismo’. O único termo dessa série que aparece como entrada é ‘feitiço’, o qual, como já notamos, contém tanto concretude quanto abstração. ‘Feitiço’ é apresentado como o termo que traduz para o português todos os seus equivalentes imperfeitos em umbundu. Mas ‘feitiço’ não é simplesmente apresentado como o termo mais abstrato, para o qual são oferecidos exemplos concretos; antes, a tradução procura conter a proliferação de suas possíveis instanciações empíricas ao bifurcar-se em dois conceitos em umbundu, *owanga* e *umbanda*, colocados aproximadamente no mesmo nível de abstração que feitiço.³⁷ Isso ocorre na medida em que feitiço é compreendido como sendo aquilo que o feiticeiro possui, ao passo que *owanga* pertence ao *onganga* (o curandeiro em sua versão antissocial, frequentemente traduzido como ‘feiticeiro’) e *umbanda* pertence ao *ocimbanda* (o curandeiro como alguém que age em prol da comunidade, em geral traduzido como ‘adivinho’).³⁸ Na comensuração dessas figuras e de seus poderes, o feitiço é bifurcado conforme se lhe atribui uma dimensão boa e uma dimensão ruim. Mas essa duplicação coloca em xeque a especificidade do feitiço, o qual, em português, é feito em benefício próprio. Assim, o feitiço perde sua especificidade ao ser traduzido e dissemina-se nas infinitas práticas que ele indexa à feitiçaria e à magia.

³⁷ Na região do Kongo, Laman parece ter encontrado uma palavra em kikongo que expressa a ideia de fetiche: *nkisi*, a qual dividiu então entre *nkisi mi nloko* e *nkisi mi bimenga*. Contudo, como demonstrado por MacGaffey, as tentativas de conter a disseminação por meio da tradução dos primeiros como “amuletos de maldição” (*cursing charms*) e dos últimos como “amuletos de sacrifício de sangue” (*blood sacrifice charms*) falhou, pois um “amuleto que recebe o mesmo nome e função nem sempre aparece da mesma forma” (Wyatt MacGaffey, “Fetishism Revisited: Kongo ‘Nkisi’ in Sociological Perspective”, *Africa: Journal of the International African Institute*, 1977, 47(2): pp. 172-184., p. 176).

³⁸ No texto etnográfico de título “O que é um feiticeiro”, no qual Estermann considera aspectos relacionados à feitiçaria em Angola, ele afirma que o *onganga* é “portador de *ouanga*” (Estermann, *Etnografia*, *op. cit.*, p. 350). Segundo ele, *ouanga*, ou *wanga*, é “um poder mágico nocivo que serve para causar doenças e mortes entre os homens, raras vezes entre animais domésticos” (Idem, p. 347). Ele atribui o caráter vago da definição ao fato de que “os próprios pretos” não têm uma noção clara a respeito dessa força misteriosa cujos efeitos são desastrosos. O *ouanga* tem poder de matar (Idem, p. 31), e é por meio do assassinato dos outros — em que eles são “comidos” pelo feiticeiro — que alguém se torna um poderoso *onganga*. O *kimbanda* é, segundo Estermann (Idem, p. 314), imperfeitamente traduzível como feiticeiro, *sorcier* (em francês) ou *Zauberer* (em alemão).

Uma equivalência maniqueísta desse tipo é proposta no *Directorio dos catequistas* do espiritano Alves, na qual ele equipara *umbanda* a “curativos” e *awanga* (plural de *owanga*) a “malefícios”.³⁹ Já o espiritano Valente afirma que *umbanda* é “todo e qualquer feitiço”, ao passo que *owanga* é um feitiço empregado para fazer mal a alguém e pode levar à morte.⁴⁰ Contudo, a despeito das tentativas de indexar *owanga* a um lado maligno do poder sobrenatural e *umbanda* a um lado positivo e mais abrangente, essa fronteira é constantemente posta em xeque. No dicionário umbundu-português de Alves, aspectos positivos e negativos do poder mágico são encontrados em ambas as entradas, *umbanda* e *owanga*. Uma das entradas define *anga*, raiz de *owanga*, como “pó venenoso” e “malefício (que os feiticeiros lançam durante a noite)”, mas também afirma que “o ancião bom mede-se pelo seu feitiço”:

ANGA (ow; ovaw, aw)

I. De *o / hanga (wanga)* = acto prolongado, efeito de / lançado (activo, acordado) estar. (...) Possivelmente de *o / hanga (wanga e hoje vanga)* = coisa de / empacotar (pó venenoso).

II. S. Malefício (que os feiticeiros lançam durante a noite).

III. “*Itjiva tiyalonga vatjiseteka l’ongandu; ekongo liwa valiseteka l’owanga*” = O lago profundo mede-se pelo jacaré; o ancião bom mede-se pelo feitiço.⁴¹

As entradas verbais para *mbanda* tratam da questão da aniquilação, enquanto a entrada correspondente ao substantivo *umbanda* inclui “coisa de curandeiro”, “malefício, feitiço”, “ciência médica” e “feitiçaria”:

MBANDA (u; ovo)

I. De *u / ‘mbanda* = coisa de / curandeiro.

II. S. Malefício, feitiço; ciência médica.

III. 1. “*Okûpako umbanda*” = Tirar o feitiço = Beber o primeiro gole.

³⁹ Albino Alves, *Directório dos catequistas*. Huambo: Tipografia da Missão do Cuando, 1954, p. 68.

⁴⁰ José Francisco Valente, *Paisagem africana (uma tribo angolana no seu fabulário)*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1973, p. 428.

⁴¹ Albino Alves, *Dicionário etimológico bundo-português*. Lisboa: Silvas, 1951, p. 38.

2. “*Okwinisa umbanda*” = Fazer engolir a arte mágica = Iniciar na feitiçaria.⁴²

Nos verbetes acima, tanto *owanga* quanto *umbanda* são traduzidos como ‘feitiço’. No último exemplo, *umbanda* também é traduzido como ‘feitiçaria’. Feitiço aparece como um ato, um efeito, um pó, o resultado de atos malignos, algo que alguém (*ocimbanda* ou *onganga*) pode possuir, uma arte. Atravessa diferentes categorias gramaticais e apreciações morais. É como se a tradução de todas essas acepções como ‘feitiço’ fosse uma tentativa de controlar a disseminação das forças mágicas evocadas por esses significantes. *Umbanda* e *owanga* também são traduzidos como ‘feitiço’ por Valente⁴³ em sua coletânea de provérbios em umbundu. Contudo, a expressão em umbundu responde com proliferação a esse ímpeto de contenção. ‘Feitiço’ é assim traduzido para o umbundu no dicionário de Valente e Le Guennec:

Feitiço, s.m. Malefício do feiticeiro, *ondyangu*, *osilo*, *ochilungula*, *owanga*, *ulyangu*, *umbanda*; ... representado, *ombonha*, *ochihemba*, *ochiteka*; ciência do..., *umbanda*, *unganga*; diversos feitiços de: amantes, *ekulo*, *ochinjolele*, *onjole*; armas, *ochiholo*, *ochiyoyo*; caçadores, *elenge*, *ohuvi*, *syamemba*, *nuhanga*; campos, *olufuko*, *ochiñguma-ñguma*; chuva, *upuli wombela*; dinheiro, *ekovo*, *ngeve*, *ofundi*, *oluhongo*, *osamba*, *otulundumba*; escravo, *osamba*; feridas, *olonanda*; gravidez, *olombamba*; inflamação, *olombando*; loucura, *ochingalu*, *uyalwi*; oratória, *ochitunda*, *emaluvo*; presos, *eseleho*; riqueza, *ehungu*, *namusungila*, *oluhongo*, *ombungu*, *onjawu*; sobado, *ochimba*; viajante, *uvindiki*; ensinar a arte do ..., +*yambisa*; tirar o ..., __*nasi umbanda*, +*upa umbanda*.⁴⁴

Na instrução de Lecomte aos catequistas publicada em 1899, verifica-se a mesma dificuldade em encontrar um termo geral em umbundu:

Umbanda uâliapu umbanda upi?

⁴² Alves, *Dicionário*, p. 660.

⁴³ Valente, *Paisagem Africana*, p. 14 e 27.

⁴⁴ José Francisco Valente e Grégoire Le Guennec. *Dicionário português-umbundu*. Luanda: IICA, 1972, p. 276.

Umbanda uâliapu: âuanga, okuloua, okuliangula, okutaha, lokulimbingila lokunhua ombulungu.

Em que consiste a arte mágica?

São os malefícios e sortilégios, as diversas adivinhações, a evocação dos mortos, a prova pelo veneno, etc.⁴⁵

Por meio da questão “Em que consiste a arte mágica?”, Lecomte pretende dar a saber quais ações são proibidas pela igreja católica. Mas a questão que ele formula em português e a resposta que fornece não são facilmente traduzíveis para o umbundu. Primeiramente, a tradução não transmite o sentido negativo implícito na questão formulada em português. Assim, a solução encontrada por Lecomte é dupla: para traduzir “arte mágica” para o umbundu, ele recorre ao termo *umbanda*, um dos dois termos mais correntes para traduzir ‘feitiço’, e acrescenta a ele o qualificativo *uâliapu*, ou seja, “do diabo”, sendo *eliapu* a umbundização de ‘diabo’. Em umbundu, a questão seria posta mais ou menos da seguinte maneira: “Qual é a *umbanda* de *eliapu*?”, ou seja, a *umbanda* do diabo, sendo que *eliapu* não era, em fins do século XIX, uma figura tão disseminada no Planalto Central, e *umbanda*, como conceito em umbundu, não necessariamente se aplicava a todos os itens da enumeração fornecida pela resposta. Esta não é tão extensa quanto a enumeração fornecida no dicionário de Valente, mas também inclui elementos díspares. Nela, o termo *âuanga* (plural de *owanga*) é englobado pelo termo que será posteriormente classificado como o mais benigno: *umbanda*.

O feitiço, assim como o fetiche, dissemina-se no processo de sua tradução. ‘Feitiço’ parece ser tudo o que se faz para obter algo que nos falta ou que desejamos. Pode-se usá-lo para prejudicar os outros; obter amantes, armas, dinheiro e riqueza; ser bem-sucedido na caça; fazer chover; curar feridas; engravidar; obter proteção para viagens; escapar da escravidão; escapar da loucura ou fazer alguém enlouquecer; tornar-se um exímio orador ou fazer alguém perder o dom da palavra. O feitiço orienta-se a um propósito. Além disso, cada feitiço tem um nome, e os nomes de feitiço (nomes-fetiche?)

⁴⁵ Ernesto Lecomte, *Ondaka ia suku ou Doutrina Christa em umbundu e portuguez*. Luanda: Imprensa Nacional, 1899, pp. 32-33.

frequentemente mimetizam o trabalho realizado para atingir seus propósitos. Segundo o fetichismo, o fetiche busca fundir a linguagem e o mundo por meio da reificação. Mas o conceito de fetichismo, como um 'ismo', tanto abre uma brecha entre a linguagem e o mundo para apontar a arbitrariedade que conecta a fala à ação quanto trabalha para suturá-la. A resposta do fetiche à abstração do fetichismo é a disseminação. Não é a feitiçaria em geral que explica cada feitiço enquanto evento; antes, cada feitiço representa um tipo particular de evento. E se o sucesso é assim explicado, o fracasso também o é; pois o fetiche é marcado pela indeterminação de seu resultado.

Em Angola colonial, houve muita discussão sobre a tradução dos termos 'deus', 'espírito santo' e 'pecado', para citar apenas algumas das querelas sobre as quais me debrucei alhures.⁴⁶ Nas missões, as traduções eram mantidas ou substituídas a depender dos efeitos que pareciam ter sobre o comportamento daqueles que se desejava converter. No entanto, a disseminação da tradução de 'feitiço' para tantos termos em umbundu permaneceu incontestada. A prática parece não ter revelado muitas incongruências. Parece-me que isso ocorreu porque feitiço já era então um conceito híbrido, formado em encontros históricos não apenas na costa ocidental da África, mas também na Europa. Ele continha, portanto, uma história sedimentada de deslocamentos que o tornava permeável à disseminação. O fetiche acomoda o desejo em sua promessa de estancar o fluxo da contingência. A tradução faz algo semelhante.

O fetiche em tradução

Em "*Fetischismus*", Freud⁴⁷ apresenta o fetichismo como mecanismo de defesa por meio do qual a criança elege um objeto ao qual se fixa como forma de lidar com a castração que supõe ser a explicação para a ausência de pênis da mãe. O objeto elegido como fetiche pode tomar diversas formas, mas a fixação frequentemente se volta para objetos como sapatos ou *lingerie* por terem sido, segundo a explicação de Freud, a última imagem a ser vista antes da imagem

⁴⁶ Iracema Dulley, *Deus é feitiçeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: Annablume, 2010.

⁴⁷ Sigmund Freud. "Fetischismus". In *Studienausgabe*. Volume III. Frankfurt am Main: Fischer, 1927.

que o sujeito, por defesa, desmente: a suposta castração da mãe. Assim, por meio do fetiche, a castração é simultaneamente negada e mantida. Como no processo de tradução, trata-se de uma substituição não equivalente, ou seja, de uma equivalência imperfeita, na qual o fetiche substitui o falo. Tal equivalência, ao ser fixada, pretende resolver uma incongruência por meio da substituição do falo que se acredita ausente pelo objeto elegido. No fetichismo, a impossibilidade de olhar para o outro simplesmente como outro — por exemplo, não supondo a equivalência entre ausência de falo e castração — leva à eleição de uma fixação cujo propósito defensivo é estancar a angústia causada na criança pela ameaça de perder o próprio falo.

Tanto no processo de constituição do fetiche quanto no processo de tradução há, portanto, uma tentativa de conter o deslocamento que caracteriza a instabilidade do acoplamento: entre o fetiche e o falo; entre dois termos em línguas distintas. Contudo, como na substituição não há equivalência — o salto não é o falo; fetiche não é o mesmo que feitiço, que não é o mesmo que *umbanda* ou *owanga* — tanto o fetiche quanto a tradução são invadidos pela alteridade que procuram domesticar. O espectro de Freud vem, portanto, juntar-se ao de Marx na afirmação da historicidade do fetiche, o qual, assim como a tradução, fixa eventos singulares, mas não tem como evitar o contágio e o deslocamento, também eles fruto da contingência histórica.

Como o fetiche, a tradução é mágica que opera por meio de acoplamento, contágio, fixação. Ambos são marcados pela indecidibilidade e devem, portanto, ser testados. A fixidez surge de um processo de comensuração que, quando concluído, dá a impressão de ter sido predeterminado. Se a linguagem precede e excede o trabalho de comensuração que a tradução supõe, também é verdade que esse trabalho nunca termina, pois o que se traduz necessariamente escapa à fixação. O equivalente da materialidade que resiste a ser reduzida à abstração do fetichismo talvez seja, em tradução, a multiplicação de sentidos que a justaposição de conceitos implica. Daí a disseminação que rege toda cadeia de substituição.

A iteração transliterativa em que ‘feitiço’ se torna ‘fetiche’, *fetisso*, *fétiche*, *Fetisch* é seguida da aposição de um sufixo (‘ismo’, *isme*, *ismus*, *ism*) a essas instâncias de materialidade. Esse suplemento marca a adição de abstração a uma prática que se define por sua relação com a concretude. No entanto, como suplementos, tais iterações na forma de ‘ismos’ dependem da materialidade do fetiche para existir. Como ocorre no fetichismo, insufla-se magicamente um substantivo concreto com a abstração de um ‘ismo’ na esperança de que ele alcance a transcendência. Contudo, o suplemento depende daquilo que pretende superar. Inversamente, só é possível nomear fetiches porque já foram suplementados no processo de sua abstração.

Nas traduções analisadas acima, o fetichismo, como universal abstrato, sutura de forma fantasmagórica. Raramente aparece em seu próprio nome. Antes, opera em nome do fetiche. No entanto, aparece de forma modificada, não como fetichismo, mas como feiticismo, descrição acusatória que procura fechar a lacuna entre o conceito concreto e o universal abstrato. Ao fazê-lo, a tentativa é de diluir as fronteiras entre o fetiche — imperfeitamente aproximado ao feitiço — e o fetichismo não mencionado mas implicitamente evocado. Introduce-se espaçamento entre eles sem no entanto chegar a criar outro conceito que possa ser inserido entre ambos. Isso provavelmente ocorre porque o português não era uma língua em que se pudesse aspirar ao universalismo universal.

O universalismo, sob domínio colonial português, restringia-se à particularidade de suas próprias fronteiras incertas. Assim, os conceitos empregados na alterização dos sujeitos coloniais careciam da aparente fixidez encontrada no ‘ismo’ de fetichismo. O espaçamento que o termo ‘feiticismo’ introduz entre o conceito concreto e o universal abstrato promete operar uma sutura por meio da tradução. Contudo, essa tentativa de comensuração se perde na medida em que a expressão vernacular é privada da possibilidade de aspirar ao universal. O que é a tradução, se não o fetiche da sutura? A tradução contém em si a promessa de equivalência, mas mal pode conter a disseminação: *umbanda*, *owanga* e a proliferação de nomes que expressam a materialização do desejo em umbundu.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, A. (1951) *Dicionário etimológico bundo-português*. Lisboa: Silvas.
- _____. (1954) *Directorio dos catequistas*. Huambo: Tipografia da Missão do Cuando.
- Barbeitos, A. (2008) *Angola/Portugal: des identités coloniales équivoques. Historicité des representations de soi et d'autrui*. Paris: L'Harmattan.
- Appadurai, A. (ed.) (1986) *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Candido, M. (2013) *An African Slaving Port and the Atlantic World: Benguela and Its Hinterland*. Cambridge: Cambridge University Press.
- De Brosses, C. (2017) 'On the Worship of Fetish Gods' in Morris, R. and Leonard, D. *The Returns of Fetishism: Charles de Brosses and the Afterlives of an Idea*. Chicago: University of Chicago Press.
- Derrida, J. (1981) *Dissemination*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. (1985) 'Des tours de Babel' in Graham, J. (ed.) *Difference in Translation*. Ithaca: Cornell University Press.
- _____. (1986) *Glas*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- _____. (1997) *Of Grammatology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- _____. (2009) *The Beast and the Sovereign. Volume I*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. (2010) *Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: Annablume.
- _____. (2017) 'Missões católicas e protestantes no Planalto Central angolano: continuidades e descontinuidades', in Moura, C., Abrantes, H. and Silva, E. (eds.). *Missões, religião e cultura: estudos de história entre os séculos XVIII e XX*. Campinas: Edunicamp.
- _____. (2018) 'Angola' in Lamport, M. (ed.) *Encyclopedia of Christianity in the Global South*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- _____. (2019) *On the Emic Gesture: Difference and Ethnography in Roy Wagner*. London e Nova York: Routledge.
- _____. (2021) "Chronicles of Bailundo": A Fragmentary Account in Umbundu of Life Before and After Portuguese Colonial Rule', *Africa*, 91(5): p713-741.

Estermann, C. (1983) *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro). Coletânea de artigos dispersos. Volume II*. Lisboa: IICT.

Figueiredo, J. (2010) ‘Feitiço do homem branco’: ruptura e continuidade na concepção de ‘feitiço’ nos diários de viagem de António Brandão de Mello (1909-1915)’, *Mneme*, 10(26). 21 de Janeiro de 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/9>. (acessado em 30 de novembro de 2020).

Freud, S. (1927). “Fetischismus“. In *Studienausgabe*. Volume III. Frankfurt am Main: Fische.

Guenec, G. e Valente, J. (1972) *Dicionário português-umbundu*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.

Hambly, W. (1934) *The Ovimbundu of Angola*. Chicago: Field Museum of Natural History.

Heywood, L. (2000) *Contested Power in Angola: 1840s to the Present*. Rochester: University of Rochester Press.

Instituto Nacional de Estatística. (2014) *Resultados definitivos: recenseamento geral da população e habitação*. Luanda: Instituto Nacional de Estatística.

Latour, B. (2021 [2010]) *Sobre o culto moderno dos deuses fatiches*. Araraquara: Editora Unesp.

Lecomte, E. (1899) *Ondaka ia suku ou Doutrina Christa em umbundu e portuguez*. Luanda: Imprensa Nacional.

MacGaffey, W. (1977) ‘Fetishism Revisited: Kongo ‘Nkisi’ in Sociological Perspective’, *Africa: Journal of the International African Institute*, 47(2): p172-184.

Marx, K. (1987 [1867]) *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*. Berlim: Dietz Verlag.

_____. (1992 [1867]) *Capital, Volume I*. Nova York: Penguin.

_____. (2011 [1867]). *O capital: crítica da economia política. Livro I*. São Paulo: Boitempo.

Melnysyn, S. (2017) *Vagabond States: Boundaries and Belonging in Portuguese Angola, c. 1880-1910*. Dissertação de doutorado, Department of History and Anthropology, Michigan University.

Messiant, C. (2006) *1961. L’Angola colonial, histoire et société*. Basel: Schlettwein Publishing.

Montero, P. (1985) *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal.

Morris, R. (2017a) 'Fetishism (Supposing That It Existed)': A Preface to the Translation of Charles de Brosses's Transgression' in Morris, R. and Leonard, D. (eds.) *The Returns of Fetishism: Charles de Brosses and the Afterlives of an Idea*. Chicago: University of Chicago Press.

_____. (2017b) 'After de Brosses: Fetishism, Translation, Comparativism, Critique' in Morris, R. and Leonard, D. (eds.) *The Returns of Fetishism: Charles de Brosses and the Afterlives of an Idea*. Chicago: University of Chicago Press.

Neto, M. (2012) *In Town and Out of Town: A Social History of Huambo (Angola). 1902-1961*. Dissertação de doutorado, School of Oriental and African Studies.

Péclard, D. (2015) *Les incertitudes de la nation en Angola: aux racines sociales de l'Unita*. Paris: Karthala.

Pietz, W. (1985) 'The Problem of the Fetish, I', *RES: Journal of Anthropology and Aesthetics*, 9: p5-17.

_____. (1987) 'The Problem of the Fetish, II: The Origin of the Fetish', *RES: Journal of Anthropology and Aesthetics*, 11: p23-45.

Sansi-Roca, R. (2007) 'The Fetish in the Lusophone Atlantic' in Naro, N., Sansi-Roca, R. and Treece, D. (eds.). *Cultures of the Lusophone Black Atlantic*. Londres: Palgrave MacMillan.

Siegel, J. (1997) *Fetish, Recognition, Revolution*. Princeton: Princeton University Press.

Silva, V. (2011) 'Religião e identidade cultural negra: católicos, afro-brasileiros e neopentecostais', *Cadernos de Campo*, 20: p295-303.

Valente, J. e Le Guennec, (1972) *Dicionário português-umbundu*. Luanda: IICA.

Valente, J. (1973) *Paisagem africana (uma tribo angolana no seu fabulário)*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.

_____. (1974) *Namussunguila, a Ceres umbundu*. Luanda: IICA.